
O CORPO NA COMUNIDADE KARAJÁ: DIÁLOGOS COM A INDÚSTRIA CULTURAL

Ana Paula de Melo Silva¹
Tadeu João Ribeiro Baptista²

Resumo: Esta pesquisa teve início em 2011, em uma monografia de final de curso, sendo esta continuada a partir de leituras e tentativas de saturação de determinações sobre uma etnia de suma importância para Goiás e Tocantins especificamente, não sendo indiferente nos significados históricos para o mundo. Esta é a tentativa de interpretação da lida com o corpo do povo Karajá, analisadas pelas relações índios – índios, índios – não-índios, não-índios – índios e não-índios – não-índios, a partir daí sendo estabelecidas algumas análises. Este estudo traz também perspectivas históricas do corpo, e apresenta alguns diálogos do corpo com a cultura, com a história, e com o próprio corpo.

Palavras-chave: Corpo, Cultura, Karajá

Abstract: This research began in 2011 in a final course monograph, which is being continued from readings and efforts saturation determinations about an extremely important ethnic group to Goiás and Tocantins specifically, not being indifferent to the historical meanings world. This is an attempt to deal with the interpretation of body Karajá people, relationships analyzed by Indians – Indians, Indians – non-Indians, non-Indians – Indians and non-Indians – non-Indians from some analyzes being established there. This study also brings historical perspectives of the body, and the body has some dialogue with culture, with history, and with his own body.

Keywords: Body, Culture, Karajá

Resumen: Esta investigación se inició en 2011 en una final de curso monográfico, lo que se viene de las lecturas y las determinaciones de saturación intentos sobre un grupo étnico de suma importancia para Goiás y Tocantins específicamente, no ser indiferente a los significados históricos mundo. Este es un intento de hacer frente a la interpretación del

¹ Professora de Educação Física, Mestranda em Educação Física na UNB

² Professor de Educação Física, Mestre e Doutor em Educação pela UFG, Professor da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG



ISSN: 1982-3916

ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 08, Volume 16 | jul./dez. de 2014

ANA PAULA DE MELO SILVA
TADEU JOÃO RIBEIRO BAPTISTA

248

cuero de personas Karajá, relaciones analizadas por los indios - indios indios - no-indios, los no indios - los indios y no indios - no-indígenas de algunos análisis están establecidos allí. Este estudio también aporta perspectivas históricas del cuerpo, y el cuerpo tiene algún tipo de diálogo con la cultura, con la historia, y con su propio cuerpo.

Palabras clave: Cuerpo, Cultura, Karajá

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da monografia de conclusão de curso, *Do Fundo do Rio para Terra: percepções sobre o corpo*, apresentada em 2011, na Universidade Estadual de Goiás. A etnia pesquisada corresponde aos Karajá, da cidade de Aruanã – Goiás, sendo as relações sociais desse povo com os não-índios construídas através do ‘trabalho’ e da ‘educação’, portanto, o reflexo das influências acontecem no seu corpo, na expressão das suas tradições.

A pesquisa foi feita a partir da revisão de literatura sobre o povo Karajá, com especificidade em Aruanã, delineando questões históricas deste povo, principalmente no que se refere as questões culturais e particularidades corporais deste povo.

[...] uma determinada sociedade somente pode ser compreendida a partir da identificação das relações variadas e de elos entre instituições. Ou, ainda, para conhecermos os costumes e crenças devemos, antes de tudo, interpretar as relações que se estabelecem entre instituições, as quais, interligadas, constituem o sistema social e cultural estudado. (MICHALISZYN; TOMASINI, 2009, p. 79)

ISSN: 1982-3916
ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 08, Volume 16 | jul./dez. de 2014



O intuito daquela pesquisa era a interpretação da vida do corpo do povo Karajá e as possíveis correlações que eles estabelecem no modelo de sociedade ocidental capitalista pelo viés do trabalho e indústria cultural, sendo identificadas pelas ligações da cultura – trabalho e cultura – indústria cultural.

A partir daí foram identificadas algumas aproximações com o corpo, sendo projetos culturais e educacionais a tentativa de resgate das tradições dos Karajá, que valorizavam as tradições, na tentativa de manutenção dos aspectos culturais, étnicos e corporais. Foi dessa observação que surgiu a ideia de realizar um resgate acerca do corpo Karajá.

HISTORICIZANDO O CORPO

Ao falar da história do corpo é necessário que façamos uma reflexão do corpo e sua integração nas mais diversas ideias e relações sociais que se propõem a construir o corpo na sociedade. Para Medina (1990, p. XX), “[...] Há, entretanto, uma relação **dialética** entre o indivíduo e a sociedade, entre a consciência e a estrutura social, entre o corpo e a infra-estrutura sócio-econômica, que precisa ser resgatada [...]”. Portanto, analisar e refletir sobre as mudanças que os corpos vêm sofrendo ao longo dos tempos é identificar pelas marcas nesses corpos, as concepções de mundo, sociedade e homem que se perpassaram e perpassam, além do mais, limites e possibilidades de “sermos” corpos e nos expressarmos por meio dele enquanto corporalidade, nesse sentido:

As múltiplas faces das dobras do tempo são reveladas materialmente na arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, no

vestuário, nos objetos, mas, sobretudo, no corpo. Ele é inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades. É sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social. (SOARES, 2006, p. 109)

É indissociável falar de homem e nos remetermos ao seu “corpo”. O corpo e sua historicidade nas sociedades já vêm sendo estudado ao longo dos tempos, vez que o contraditório e as marcas do tempo permeiam todo o conjunto da discussão. Soares (2006) nos aponta que tudo o que rege o cenário que o corpo está inserido contribui então para o entendimento deste, principalmente no que se relaciona com as suas particularidades. Ferreira (2006, p. 27) afirma que:

O corpo é, hoje, numa propriedade de primeira ordem, objecto de cuidadas atenções e investimentos quotidianos, capitalizados sob a forma de beleza, sedução, exuberância, saúde, vitalidade, destreza, emoção, poder, contestação, etc. É tema de predilecção no discurso social, como se pode verificar na proliferação pública dos discursos estéticos, técnicos, jurídicos, morais ou políticos a propósito da multiplicidade das suas aparências, gestos, constrangimentos, potencialidades, alterações. É matéria de intensa mediação sob a forma de imagem, enquanto suporte de atracção do olhar e de devolução expressiva de quadros simbólicos e estilos de vida em presença na sociedade actual.

Pensar sobre uma história do corpo, nos instiga a qual concepção que alguns autores se remetem, como analisamos o corpo, e qual autor que esta inserido em

determinado contexto. Dessa forma compreendemos o corpo “[...] como o primeiro e o mais natural instrumento do homem [...]” (Mauss, 1974). Nesse sentido Baptista e Vilarinho Neto (2011) apresentam uma interessante cronologia sobre as variadas formas de pensar e analisar o corpo:

Quadro 1. Categorização Didática das Concepções a partir das Relações de diálogo com o Corpo.

Relação do Corpo	Forma de se Pensar o Corpo
Corpo da Alma	Esta é provavelmente a tendência mais clássica da filosofia. Aqui o corpo é sempre comparado com a alma, devido à sua condição de finitude face à infinitude da alma, ou ainda como a sua prisão ou motivo de pecado e de não evolução da alma.
Corpo Próprio	Nesta perspectiva o corpo é visto apenas pela sua existência. Dessa forma, ele é tratado como máquina ou como elemento meramente biológico.
Corpo com o Mundo/Natureza	Nessa concepção normalmente o corpo é visto em relação com o mundo que o cerca ou com a natureza, entendida por sua dimensão histórica e, portanto, vinculada às construções e transformações pelo trabalho e por suas determinações sociais. Muitas vezes ele se aproxima de concepções existenciais, pensando o corpo pela sua relação com outros seres humanos, constituindo assim a sua subjetividade.
Corpo sem o Corpo/Corpo Pós-Moderno	Nessa perspectiva o corpo é visto por duas possibilidades. A primeira passa pela perspectiva de que o corpo como algo natural/cultural pode ser manipulado por uma série de recursos ligados à biotecnologia como as próteses e a possibilidade de clonagem. Por outro lado, existe a defesa de o corpo não ser um componente material, empírico, mas uma categoria, um objeto de estudo, pois, o que existe são homens e mulheres e não corpos.

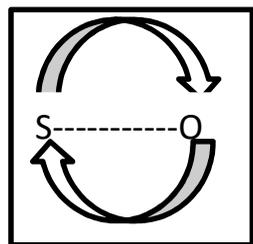
Fonte: Baptista; Vilarinho Neto, 2014, p. 8.

É a partir destas ideias postas sobre as questões que regem a história do corpo na filosofia e nas ciências humanas e sociais que seria possível estabelecer uma cronologia

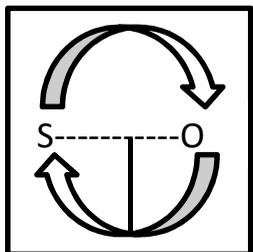
deste debate, a qual pode ser identificada nos textos de Gonçalves (1994), Medeiros (1998) e Zobolli (2012), nos deparamos com o processo histórico que compõe os corpos mencionados por Baptista e Vilarinho Neto (2011). Nesta análise dos autores, seria possível acrescentar Nietzsche, na condição de um corpo sem o corpo, isso pela forma que o autor expõe o corpo, provisoriedade do corpo, sendo assim, de acordo com Medeiros (1998) temos a seguinte cronologia acerca do corpo: a) O corpo na Filosofia Antiga; b) O corpo na Filosofia Medieval; c) O corpo na Filosofia Moderna e; d) O corpo na Filosofia Contemporânea.

Todo este debate serve como referência para verticalizar a discussão sobre os diversos autores que buscavam resgatar o corpo a partir de análises e apresentações críticas do sistema capitalista, que por sinal se consolidava com a Revolução Industrial. Entre os autores podemos citar principalmente Marx.

Ao pensar o corpo em Marx, percebemos um Corpo Histórico, em que este se faz valer a partir da sua atividade produtiva. O homem enquanto Sujeito da sua própria história cria o Objeto, assim temos sua Subjetividade – Objetivada, portanto o “indivíduo” deveria entender o porquê e o para que daquele objeto criado, mas, pela lógica capitalista a intenção é criar um bloqueio perante o possível entendimento do sujeito quanto ao objeto, levando o “indivíduo” a desumanizar-se pela alienação. Esquematizando teríamos:



O Sujeito transforma as coisas a partir do trabalho e o trabalho transforma o sujeito, este processo seria o de Humanização, como escrito anteriormente a Subjetividade – Objetivada.



Quando há um bloqueio no conhecimento existe assim a Alienação, portanto o resultado é o processo de Desumanização do homem, e conseqüentemente não ocorrerá a sua Emancipação.

Com isso percebe-se a vulnerabilidade a que estamos submetidos, tornando o ser humano um indivíduo “reificado”³, subordinado as culturas industriais sendo a

³Reificação (reificado) termo utilizado por Baptista (2007) onde afirma que: Em Marx (1996), o tema da reificação já está presente, ou seja, este processo de coisificação do trabalhador já está anunciado, pois existem condições históricas para se compreender minimamente o processo de coisificação do trabalhador e a sua submissão ao caráter de mercadoria. Enquanto tal, ele se fetichiza e o seu valor passa a deixar obscuro todo o trabalho realizado por ele e sobre ele, tendo em vista o fato de a sua capacidade de produção atual depender da aprendizagem adquirida com outros seres humanos. Isso demanda o trabalho de outrem, ao mesmo tempo em que a sua ação como trabalhador aprimora a sua atividade laboral, que o transforma, e aumenta as suas capacidades como trabalhador e, portanto, da mercadoria. Esta é a força de trabalho, mercadoria trocada pelo salário como o elemento necessário à manutenção do funcionamento desta máquina.

capacidade crítica comprometida, e o sujeito integrado na sociedade com a ilusão libertária de mundo.

A partir das mais diversificadas formas de se pensar o corpo, como apontar as correlações deste com a mídia (Indústria Cultural), e quais as consequências desta estreita relação? Para Almeida (2003, p. 57) duas questões podem ser colocadas

[...] o corpo, antes de se constituir receptáculo onde as ingerências da racionalidade recaem, já não faz parte imprescindível e atravessa todo o processo de formação da racionalidade, dos sujeitos? E os modos de educar/exercitar o corpo (as pedagogias ligadas a ele) apenas sofrem influência da racionalidade humana, das maneiras com que os sujeitos elaboram seus conhecimentos para suprirem suas necessidades ou, na história, a configuração social destas formas de se lidar com o corpo – ora uma, ora outra – passam também a construir e reforçar certos tipos de subjetividade –dignas ou prejudicadas?

Algumas questões serão apontadas pelos estudos dos *Frankfurtianos* no contexto do que é a Indústria Cultural. Na lógica do capital o corpo possui somente UMA Funcionalidade, isto no contexto da produção, vez que o contexto que o “indivíduo” está inserido, corrobora para a manutenção da NÃO emancipação como ser humano “individuoado”. Sendo assim podemos afirmar que as mudanças acerca do corpo, são compostas de muitas visões, porém podemos considerá-lo como a carcaça da humanidade, isto pelo fato de estarmos em um quadro imposto,

O corpo é a carcaça da humanidade, sem a qual a existência individual não se realiza. É o abrigo da existência da consciência – por isso, corpo da consciência. Se ambos são constituídos através do trabalho, mas no capitalismo o processo constitutivo do ser humano provoca alienação, fetichismo e reificação deste em todas as suas dimensões, evidenciam-se então o fato destas mediações consolidarem também a idéia, as habilidades, as capacidades e a forma do corpo. O corpo é construído histórica e socialmente e, enquanto força de trabalho, é mercadoria e alienação, fetiche e reificação. (BAPTISTA, 2007, p. 92)

Com o advento da comunicação e a realidade atual do corpo ocidental, é necessário que analisemos o contexto da estigmatização do corpo, vez que ao ter passado por duas guerras mundiais, e imposições de diversos tipos de ditadura, atualmente lidamos com os corpos ditados pelo viés da moda disseminada pela indústria cultural.

CONSTRUÇÃO CULTURAL DO CORPO DE UM POVO

Ao pensar o corpo dos Karajá entendemos que este irá se expressar em prol de um bem coletivo e para suas divindades apesar do processo de apropriação da cultura dos não-índios. Em se tratando da sociedade ocidental percebemos uma artificialidade desenfreada dado que são inúmeras as recorrências a cirurgias plásticas, comércio de cosméticos, academias, dentre outros fatores que permeiam a “indústria da beleza”.

[...] o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com

o rosto e com o corpo a combinação de todos esses fenômenos funda a idéia de um novo momento da história da beleza feminina e, em menor grau, masculina. A mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens. (GOLDENBERG, 2002, p. 8)

O culto ao corpo na Aldeia Buridina Mahãdu se externaliza pelo artesanato e divisão por gênero referente ao trabalho, e por um ritual que acontece no mês de julho, Dança do Mutum. O tratamento do corpo foi sendo modificado pelo contato direto com os não-índios, isto perceptível pelas roupas, músicas e relações para com os não-índios, como os casamentos interétnicos (MELO, 2011).

Ao tentar retratar a concepção de corpo para os indígenas, é fundamental apurar o olhar, pois a observação se pautará em outra lógica cultural e, por sinal, com marcas do processo de “colonização”. Nesse contexto a indústria cultural influencia diretamente no cotidiano da aldeia, estando inscrita nas influências das mediações que as relações de trabalho e as relações culturais deixam no corpo Karajá.

É interessante ressaltar que por mais que estes corpos, Karajá, passem por um longo período de influência não deixam de ser índios, sendo assim existe a necessidade de falarmos do conceito de aculturação⁴. Pelo fato do corpo ser construído

⁴Aculturação significa privação, para Bastide (1985) qualquer contato direto se remete a um processo de aculturação, pelo fato de marcas interiores e exteriores se apresentarem no contexto da cultura visitada. Já Oliveira (1976) entende por aculturação um processo, que ele mesmo nomeia, por fricção interétnica, por mais que os índios tenham contato direto, estes não deixam de se reconhecerem enquanto índios, enquanto sujeitos que formam e dão símbolos, signos e significados a etnia.

historicamente, é preciso que nós que não fazemos parte daquele contexto tentemos desvendar os enigmas daqueles corpos, por conseguinte, se faz importante à tentativa de interferir na cultura do outro, portanto é necessário relativizar que, ao ter contato com diferentes sociedades um pouco de nós fica, e um pouco daqueles, conosco é levado.

Ao adotar como referência a cultura indígena, é imprescindível repensar os valores que os portugueses atribuíram a estes quando chegaram ao Brasil, à relação do homem branco com os índios foi um processo conturbado que acabou por dizimar boa parte daquelas aldeias que aqui estavam⁵.

A partir da década de 80 surgiu o movimento indígena para reivindicar direitos e deveres ao estabelecer a relação social entre: índios – não-índios. Contudo, estes viveram o aprendizado dos códigos dos não índios, estes movimentos viabilizaram também um maior acesso a cultura dos índios, acontecendo, então, uma troca de “experiências culturais” sem, contudo, deixar profundas marcas de dominação, por parte dos não índios para com os índios.

Apesar da tentativa da ‘manutenção da tradição’ os grupos indígenas sofreram interferências, o que acabou por afetar diretamente a tradição, daí a importância de reflexão acerca das marcas que externamente acabam por atingir as aldeias (MELO, 2011).

⁵O impacto da conquista europeia sobre as populações nativas das Américas foi imenso e não existem números precisos sobre a população existente à época da chegada dos europeus, apenas estimativas. As referentes à população indígena do território brasileiro em 1500 variam entre 1 e 10 milhões de habitantes. Estima-se que só na bacia amazônica existissem 5.600.000 habitantes. Também em termos estimativos, os linguistas têm aceito que cerca de 1.300 línguas diferentes eram faladas pelas muitas sociedades indígenas então existentes no território que corresponde aos atuais limites do Brasil.

Ao escolher os Karajá em Aruanã – Goiás, temos um processo histórico relevante marcado por conflitos sociais, algumas opressões que afetaram e afetam diretamente o contexto cotidiano do povo Karajá, interferindo nas práticas corporais que compõe o ciclo de vida deste povo acarretando até mesmo perda de terras, estas em disputa judicial até hoje. Se tratando das práticas corporais indígenas Grandó (2007, p. 1)

[...] prática corporal como expressão de identidade coletiva (...) sendo que são estas práticas que identificam cada cultura, assim elas são formas de comunicação e individualidade cultural, e estudá-las nos ajuda a compreender a própria cultura com a qual estamos dialogando.

Estas práticas corporais compõem a identidade coletiva de um povo, sendo expressas nas crenças, no artesanato, nos rituais, no modo de comer, no modo de vestir, no modo de viver, no contexto social da aldeia e da cidade, estas são práticas individuais de cada povo, as quais são carregadas de simbologias. Contudo, Mauss (1974) as compreende como técnicas corporais, sendo então uma forma de manutenção da identidade e preservação da tradição indígena, deste modo o conturbado processo de relações não só dos Karajá, mas da população indígena como um todo, são fatos históricos, sendo assim:

Se os índios manifestam até hoje identidades diferenciadas, é por que souberam preservar sua própria história a respeito do contato com os brancos, atualizando-a constantemente. Essa memória não serve apenas para explicar o passado, mas também para avaliar as

mudanças resultantes da convivência com a sociedade brasileira. (GALLOIS, 2001, p. 20)

Para um dos integrantes da aldeia, ao estarmos no âmbito de outra cultura, não temos o direito de ali interferir de maneira direta. Em conversa informal, este nos fez a seguinte afirmação: “Houve uma época em fomos para a ilha do bananal, aonde chegamos lá e tínhamos que tomar banho de rio, eu já não estava acostumado, mas, de vergonha não tinha coragem de não tomar banho, isto por que não temos o direito de interferir na cultura dos outros (Karajá 1) [...]” (MELO, 2011, p. 85).

A partir dessa fala, iniciamos uma reflexão referente ao processo histórico dos não-índios com os índios pensando sobre o quanto isto poderia ter sido um processo de aprendizado mútuo, mas que na verdade mais se transformou em guerrilha e extinção cultural.

Existe muito a dizer sobre a história dos índios com os não índios dado que segundo alguns relatos até mesmo pelo pessoal da aldeia, o primeiro contato se deu por volta do século XVII com a presença dos Bandeirantes. Nestes mesmos relatos, foi nos feito um adendo sobre o número populacional afirmando que os Karajá nesta época somavam aproximadamente 9000 pessoas desta etnia e que se encontravam aldeias de até 2000 pessoas. Para Alves (2009), a desvirtuação cultural já ocorria pelo seguinte fato:

Entre as expedições bandeiristas àquelas que tiveram contato com o povo Karajá estão: a de Antônio Pires do Campo que, provavelmente, ocorrera entre os anos de 1718 e 1746; a de Bartolomeu Bueno; e a de Anhanguera que, saiu de São Paulo em 1722 e chegou aos sertões Goiazes, nas minas do Rio Vermelho, no ano de 1725. Assim, a

relação dos Karajá com a sociedade não-índia permaneceu constante, o que os obrigou a manter contato direto. O movimento mais intenso que contribuiu para que as aldeias da região do Araguaia continuassem em contato permanente com os brancos se deu, a partir de 1863, com as políticas de navegação a vapor nos rios Araguaia e Tocantins, desenvolvidas pelo, então, governador de Goiás, Couto de Magalhães, as quais tiveram os Karajá como força de trabalho envolvida (ALVES, 2009, p. 23).

No século XVIII as expedições mudaram de figura em função da organização a fim de se capturar índios para serem escravizados. Eles não eram de forma alguma respeitados porque a incorporação aos costumes dos “brancos” era a única saída para que não morressem. Além do mais qualquer manifestação acerca da cultura indígena, rituais, forma de falar, danças; era mencionada como feitiçaria, o que na época era motivo efetivo de morte.

A partir daí iniciou-se um processo de dizimação e aculturação indígena. Já no século XIX, para além das capturas iniciadas no século XVIII, iniciou-se também um processo de tomada de terras dos índios sem qualquer tipo de “negociação”. Nesta conjuntura conturbada, muito da cultura indígena foi deixada ao longo do caminho, porém, atualmente, há um trabalho intenso de manutenção da tradição e resgate do que ficou no percurso histórico.

Por mais que houvesse desenvolvimento econômico e conseqüentemente regional, os Karajá foram “sumindo” aos poucos, resultando no quantitativo populacional atual. Na cidade de Aruanã, a relação atual é pacífica, porém as terras que eram dos Karajá foi de certa forma desapropriadas, o que acarretou lutas daquele povo para o resgate da

terra. Atualmente, estes vivem em um pedaço de terra relativamente pequeno pelo número de pessoas e que por sinal foi doado por uma antiga moradora da cidade (MELO, 2011).

Apesar de todas as turbulências, os índios afirmam que história é história e mesmo assim: *“A questão dos costumes e das histórias é mantida quando jantamos, saímos e contamos os mitos e as histórias, isto tentamos preservar para que as crianças tentem levar consigo as histórias”*(Karajá 1) (MELO, 2011, p. 85). Para este povo é fundamental que as crianças entendam não só o contexto histórico mitológico e espiritual que os regem, mas também que saibam argumentar quanto às questões políticas e de direitos do índio, segundo falas da aldeia, para que estes não percam ainda mais espaço para os não-índios.

Portanto, a questão do corpo dos Karajá nos leva pensar as condições impostas a esse povo principalmente se tratando das relações de trabalho construídas a partir da colonização, que com o passar dos anos passou a interferir diretamente na dinâmica cultural da aldeia. Quanto à construção do corpo, os Karajá de Buridina optaram por vivenciar os principais rituais (simbolismos) na Ilha do Bananal; maior reserva e aldeia Karajá existente.

O simbolismo na cultura Karajá está inerente em diversos momentos da vida do povo. Na prática tradicional da modelagem de objetos em cerâmica, por exemplo, o que se pode perceber é a representação social, cultural e histórica do povo, seja nos objetos utilitários e cerimoniais que acompanhavam os ciclos de vida e de morte, ou mesmo nas bonecas as quais representam figuras humanas com a sua pintura corporal, temas mitológicos, rituais, vida cotidiana,

fauna, mantendo traços de sua cultura nos artesanatos (ALVES, 2009, p. 27).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com a pesquisa percebemos que o povo Karajá é dotado de insígnias e valores particulares, o que requer certo cuidado e respeito ao nos remetermos às histórias, mitos e verdades sobre este povo tão rico culturalmente. É fantástico como o corpo é enaltecido, principalmente no que se refere aos rituais, a separação do trabalho de acordo com as relações de gênero, as formas de sobrevivência. Podemos afirmar que o corpo para este povo é o sagrado, é o símbolo.

No entanto, ao pensar em multiculturalismo, em diversificação das ‘raças’ tentando uni-las a partir de um mesmo ideal, por mais que estas assumam características diferentes, é necessário entender, serão as diferenças que irão compor o cenário da “nova sociedade”. Percebemos no decorrer da pesquisa que a convivência na sociedade ocidental, as relações estabelecidas entre os indivíduos e a chegada da urbanização com a revolução industrial delineia um novo homem, com características novas, moldado dentro, e pelo mundo do trabalho.

Em meados do século XVIII, entre o iluminismo e a revolução francesa nascem novos ideais em busca de um homem novo, que trazia um lema Igualdade, Liberdade e Fraternidade, onde o objetivo era a busca da democracia, sendo perceptível a igualdade e molde de corpos para o atendimento do mercado. Estes fatos históricos delineiam o que somos hoje, isto por que somos resquícios do ontem, daí a importância de ruptura com o que se tornou verdade absoluta, e que acabou por dilacerar alguns ideais de alteridade.

Portanto, é necessário pensarmos o outro não como o que somos, mas sim como ele é, lembrando que existimos a partir do outro, a partir das experiências de contato e somente partindo da quebra de paradigmas que percebemos os erros acerca do que a vida inteira nos foi imposto sem questionamentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erica Cristina. Racionalidade, corpo e sofrimento: contribuições da Escola de Frankfurt para (re)pensar o corpo na história. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 55-78, jan./jun.2003.

ALVES, Eder Vasconcelos. **Karajá**: a história de um povo em seu corpo. Que pensa, que fala e que reivindica. Monografia. Goiânia: Universidade Estadual de Goiás/UEG - ESEFFEGO, 2009.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição à uma sociologia das interpretações de civilizações. SP: Pioneira, 1985. (1ª Parte)

BAPTISTA, Tadeu J. R.; VILARINHO Neto, Sissilia. **A educação expressa nas concepções de corpo, saúde e estética: a produção do conhecimento do GTT corpo e cultura nos anais do CONBRACE (1997-2009) e implicações para a formação de professores de educação física**. Projeto de pesquisa. Goiânia, UFG, 2011.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **Educação do corpo**: produção e reprodução. Tese (Doutorado). Goiânia: Faculdade de Educação/UFG, 2007.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Marcas que demarcam**: corpo, tatuagem e bodypiercing em contextos juvenis. Tese (Doutorado). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa/Departamento de Sociologia, 2006.

GALLOIS, Dominique T. **Novos e velhos saberes**. In: Índios do Brasil 2. Brasília: MEC; SEED: SEF, 2001, p. 69-80.

_____. **Contatos**. In: Índios do Brasil 3. Brasília: MEC; SEED: SEF, 2001.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, pensar e agir** – corporeidade e educação. Campinas, SP: Papirus, 1997.

GOLDENBERG, Mirian [et al]. **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **O corpo como capital**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

GONÇALVES, Maria A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

GRANDO, Belení S. (Org.). **Corpo, educação e cultura**: práticas sociais e maneiras de ser. Ijuí: Editora Unijuí, 2009, 223 pp. (Coleção educação física).

GRANDO, Belení S.; OLIVEIRA, Bruna Maria de; AGUIAR, Elcione Trojan de. **A produção do conhecimento sobre as práticas corporais indígenas e suas relações com os jogos indígenas do Brasil**. s/d

LE BRETON, D. **Adeus ao Corpo**: antropologia e sociedade. São Paulo: Papirus, 2008.

- _____. **A Sociologia do Corpo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In: Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi-Strauss. São Paulo: EPU, 1974, p. 211-233.
- MEDEIROS, Mara. **Didática e prática de ensino da educação física**: para além de uma abordagem formal. Goiânia: Ed. UFG, 1998.
- MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. 12ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- MELO, Ana Paula de Silva. **Do Fundo do rio para a terra**: percepções sobre o corpo. Monografia. Goiânia: Universidade Estadual de Goiás/UEG-ESEFFEGO, 2011.
- MICHALISZYN, Mario Sérgio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa**: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre**: o processo de assimilação dos Terena; (prefácio de Darcy Ribeiro). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 2 ed. Revisada.
- _____. **Os (des)caminhos da identidade**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2000, vol.15, n.42, pp. 07-21. ISSN 0102-6909. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1733.pdf>
- _____. **Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral**. In: *Revista (versão eletrônica) ANTHROPOLÓGICAS*, [UFPE] [online] 2005 anos 9, volume 16 (2): 9-40. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume16%282%29/Artigo%201%20%28Roberto%20Cardoso%20de%20Oliveira%29.pdf>

- SOARES, Carmem Lúcia (org.). **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- _____. **Corpo e história**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- _____. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- ZOBOLI, Fábio. **Cisão corpo mente**: espelhos e reflexos na práxis da educação física. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.
- (Recebido em junho e aprovado em novembro de 2014)